

Banqueiros londrinos não se animam com a nova proposta

JADER DE OLIVEIRA
Correspondente

LONDRES — As novas idéias anunciadas pelo Brasil para resolver o impasse da sua dívida externa não foram recebidas com entusiasmo algum pela comunidade dos banqueiros ingleses. Ao contrário, eles vêem os planos divulgados nas últimas horas pela imprensa internacional, baseados nas declarações feitas, em Brasília, pelo Ministro Bresser Pereira, como mal concebidos, com base em uma premissa inexistente: a do cancelamento de débitos, devido ao aumento das reservas.

— O fato dos bancos terem aumentado as suas reservas para débitos duvidosos não significa que tais dívidas tenham sido abandonadas, explicou um porta-voz da City. Ele declarou que, se os bancos forem solicitados a anular 30% das dívidas brasileiras, isto teria as mais sérias consequências para o País, nos próximos 20 ou 30 anos.

— O Brasil não pode dar-se o luxo de não contar com novos créditos para sustentar o seu desenvolvimento. E tais créditos não poderiam ser concedidos voluntariamente, no caso de uma solução como a anunciada.

Um banqueiro profundamente conhecedor da economia brasileira recordou que a solução divulgada criaria um precedente insuportável para o sistema bancário internacional.

— Se todos os países endividados exigirem o mesmo tratamento, os bancos ficariam em uma situação absolutamente difícil. A economia brasileira não pode ser comparada a dos países menos desenvolvidos. Será impossível concordar com as novas idéias brasileiras.

Outro banqueiro acha que o Ministro Bresser Pereira estaria procurando convencer os críticos do seu programa econômico da impossibilidade de tentar qualquer coisa fora da ortodoxia identificada como sendo do Fundo Monetário Internacio-

nal (FMI).

— Para mim, são idéias apenas exploratórias, para medir a reação internacional. Elas são ruins para os dois países.

A visita de Fernão Bracher a Londres servirá, certamente, para esclarecer a posição que o Brasil pretende adotar nas próximas negociações com o FMI. Bracher chegará a Londres amanhã à tarde, permanecendo apenas 24 horas na cidade. Na segunda-feira pela manhã, ele terá uma reunião na sede do Lloyds Bank. O encontro é significativo, levando-se em conta que o Lloyds fala em nome dos demais bancos britânicos e ocupa a vice-presidência do Comitê Coordenador da Dívida, uma posição exercida por Mike Hunter, que é Vice-Presidente do banco.

No momento, os bancos internacionais receiam profundamente que a Argentina adote uma posição idêntica à do Brasil, suspendendo o pagamento dos juros.